

Estudos sobre as Cartas dos Mahatmas

Aqui apresentamos a tradução de três textos de David Reigle originalmente postados e/ou linkados no blog PrajnaQuest ([HTTP://prajnaquest.fr/blog](http://prajnaquest.fr/blog)), contendo estudos e pesquisas de termos budistas presentes nas Cartas dos Mahatmas. Por fim, apresentamos a tradução de um texto de HPB em que ela explica o processo de escrita das cartas e o motivo de haver erros e imprecisões em algumas delas.

Conteúdo traduzido do inglês para o português por Bruno Carlucci em dezembro de 2017, com permissão do autor, para publicação na seção em português do site <http://easterntertradition.org>.

Um Enigma nas Cartas dos Mahatmas

David Reigle, 31 de março de 2017

O termo “Nirira namastaka” é encontrado em todas as edições das *Cartas dos Mahatmas para A.P. Sinnett* (primeira, segunda e terceira edições em inglês, p. 44, carta N.9; edição cronológica em inglês, p. 62, carta N.18). O contexto pode ser observado na seguinte citação (terceira edição em inglês)¹:

“Quando o nosso grande Buddha—o patrono de todos os adeptos, o reformador e codificador do sistema oculto, alcançou o primeiro Nirvana na terra, ele se tornou um Espírito Planetário; isto é — o seu espírito se tornou capaz de num mesmo instante viajar pelos espaços interestelares em plena consciência e continuar, conforme sua vontade, na Terra em seu corpo original e individual. Pois o Ser divino tinha se libertado da matéria de tal forma que poderia criar, de acordo com a sua vontade, um substituto para si, deixando-o na forma humana por dias, semanas, às vezes anos, sem se afetar por mudanças no princípio vital ou na mente física de seu corpo. A propósito, essa é a forma de adepto mais elevada que um homem pode almejar em nosso planeta. Mas é tão rara quanto os próprios Buddhas, o último Khobilgan que a alcançou foi Tsong-ka-pa de Kokonor (Século XIV), o reformador do lamaísmo, tanto vulgar, quanto esotérico. Muitos são aqueles que ‘quebram a casca do ovo,’ poucos são os que, uma vez fora dela, sejam capazes de utilizar o seu Nirira namastaka plenamente, quando completamente fora do corpo. Vida *consciente* em Espírito é tão difícil para algumas naturezas, quanto nadar para alguns corpos.”

Parece se tratar de um termo técnico importante, referindo-se à avançada metafísica budista. Entretanto, não foi possível identificar tal termo nos 93 anos desde que as Cartas dos Mahatmas foram publicadas, mesmo com a disponibilidade, nas últimas décadas, de um grande número de textos budistas seminais. Desde que imagens fotográficas das Cartas dos Mahatmas foram disponibilizadas, tornou-se possível ver se há alguma outra forma de ler este termo no manuscrito da carta (http://theosophy.wiki/ML/18-12_6117.jpg). Daniel Caldwell fez isso no ano passado (abril de 2016), e viu que podia ser lido como “Nirvva namastaka.” Se quebrarmos a

¹ N.T. (Nota do Tradutor): Optou-se por destacar as traduções de trechos das Cartas dos Mahatmas em negrito, assim como o texto de HPB a fim de facilitar a leitura e ressaltar a importância de tais textos e autores para o estudo teosófico.

palavra de forma diferente, encontramos o termo budista familiar, “nirvvana”; isto é, “nirvana” (nirvāṇa). Daniel então buscou na internet por “nirvvanamastaka.” Certo do que encontrara, Daniel me informou que o termo aparecia numa entrada sobre “*Buddhism and Buddha*” no *The New American Cyclopaedia*, vol. 4, 1869 e 1870, p. 66.

Assim como a similarmente longa e não identificada frase “Kam mi ts’har” encontrada nas Cartas dos Mahatmas fora copiada diretamente de um livro existente naquela época, como demonstrado por Antonios Goyios (<http://www.blavatskyarchives.com/kammitshar/kammitshar.htm>), o mesmo ocorre com este termo. Pode ainda ser encontrado com hífen ao final de uma linha no *The New American Cyclopaedia* exatamente onde foi incorretamente quebrado na Carta do Mahatma: *Nirvā-namastaka*. Não há dúvida de que esta foi a fonte de onde foi tirado o termo pelo Mahatma ou seu chela amanuense. Como Daniel destaca, a Carta do Mahatma contém: “Muitos são aqueles que ‘quebram a casca do ovo,’ poucos são os que, uma vez fora dela, sejam capazes de utilizar o seu *Niriranamastaka* plenamente, quando completamente fora do corpo.” *The New American Cyclopaedia* contém (p. 66): “Aquele que quebra os seus grilhões, ‘quebra a casca do ovo’ e escapa da alternância de nascimentos.” Posteriormente, nessa mesma carta do Mahatma, também lemos: **“Quando a matéria se encontra inteiramente divorciada do espírito, é descartada nos reinos ainda mais inferiores —no sexto ‘Gati’ ou ‘modo de renascimento’ do mundos vegetal e mineral e das formas animais primitivas.”** (terceira edição em inglês, p. 47; a primeira e a segunda edições apresentam erroneamente ‘Gate’ para ‘Gati’). No *The New American Cyclopaedia* vemos (p. 66): “Em alguns casos a alma do homem pode afundar ainda abaixo dos 6 Gatis ou modos de renascimento nos reinos vegetal e mineral; . . .” Óbviamente, a carta do Mahatma usou este termo e essas frases de forma diferente, mas claramente as tirou dessa fonte.

Sobre nirvānamastaka, isto é, nirvāṇa-mastaka, No *The New American Cyclopaedia* encontramos (p. 66):

“A meta final da salvação budista é a remoção do pecado, ao esgotar a existência, impedir a sua continuação; em suma, ao passar do Sansāra para o Nirvāna. O sentido deste último termo é um assunto prolífico para discussão e especulação com as diferentes escolas filosóficas e seitas religiosas da Ásia budista. Os seus intérpretes preferem definições vagas, com medo de ofender os sectários. Significa a mais elevada libertação; para teístas, a absorção da vida individual em Deus; para ateus no nada. O tibetanos a traduzem por *Mya-ngan-los-hdah-ba*, a condição daquele que é livre de dor; salvação eterna; ou liberdade de transmigração. Sua etimologia é: *nir*, não; *van*, extinguir, e flecha; a sua ortografia é *Nirvāna*; as suas derivações são: *Nirvānamastaka*, liberação; *nirvāpa*, apagar, como um incêndio, &c. É *Nibbāna* em páli, *Niban* em birmanês, *Niruphan* em siamês, *Ni-pan* em chinês.”

Então seria nirvāṇa-mastaka, um importante termo técnico se referindo à avançada metafísica budista? Não. É uma “palavra fantasma”, uma palavra que apareceu num dicionário e foi copiada em outros dicionários, mas cujo uso não foi encontrado em textos em sânscrito. De acordo com a minha pesquisa, ela apareceu pela primeira vez em 1832, na segunda edição do dicionário sânscrito-inglês de Horace Hayman Wilson (*A Dictionary in Sanscrit and English*, Calcutta). Está lá escrito *nirvānamastaka* e definido como “libertação,” com a

etimologia *nirvāṇa* e *mastaka*, “superior, principal” (p. 477). Foi obviamente copiada pelo autor desconhecido da entrada “*Buddhism and Buddha*” no *The New American Cyclopaedia*. Tal termo não é encontrado na primeira edição do dicionário de Wilson, de 1819, nem é encontrado na edição revisada de 1900. Podemos supor que algum dos assistentes de Wilson pode ter encontrado o termo em algum *kośa* sânscrito (léxicos que geralmente listam as palavras que não são encontradas em uso) e o colocou na segunda edição de seu dicionário. De lá foi copiado (mas sem dobrar o “v”) no importante volume 4 (1865) do massivo *Petersburg Sanskrit-German dictionary (Sanskrit-Wörterbuch*, de Otto Böhtlingk e Rudolph Roth, St. Petersburg), dividido em sete volumes. Nele o termo é seguido por “!” e especificamente mencionado como tendo vindo de Wilson (p. 209). Foi retido no também relevante volume 3 (1882) da versão mais curta dos 7 volumes do dicionário Petersburg (*Sanskrit-Wörterbuch in Kürzerer Fassung*), mantendo o “(!)” após o termo (p. 219). Foi igualmente copiado no *Sanskrit-English Dictionary* de Monier-Williams, tanto na primeira edição de 1872, quanto na edição ampliada de 1899, onde também se especifica que o termo veio de Wilson. Também é encontrado no dicionário de sânscrito-inglês de Vaman Shivram, mas sem mencionar fontes. Isso tipicamente significa que Apte não o encontrou em nenhum texto sânscrito, mas copiou de dicionários anteriores. É encontrado ainda no dicionário sânscrito-sânscrito de *Vācaspatyam*, em que é definido como um composto de tal tipo que teria de ser interpretado: *nirvāṇam nirvṛtir mastakam iva yatra*, isto é, *nirvāṇa* que é como o principal. Não é, porém, encontrado no anterior *Śabda-kalpa-druma*, também dicionário sânscrito-sânscrito. Nem é encontrado no *Buddhist Hybrid Sanskrit Dictionary* de Franklin Edgerton. As minhas pesquisas de quantidades massivas de textos em sânscrito em meios eletrônicos, algo agora possível, falharam em fornecer uma ocorrência sequer deste termo. Cheguei a postar uma dúvida referente a uma “fonte textual para *nirvāṇa-mastaka*” para a lista eletrônica *Indology* em janeiro de 2017, uma lista que conta com centenas de indologistas atualmente na ativa, e ninguém foi capaz de encontrar uma fonte textual para esse termo.

A carta do Mahatma descreve uma forma de adepto que não é descrita em nenhum dos textos budistas conhecidos por mim. Porém, ao fazer isso, o Mahatma ou seu chela amanuense usou uma palavra fantasma, copiada de um livro de 1869, que foi, por sua vez, copiada de um dicionário de 1832. Vimos outros casos desse tipo de cópia presente nas Cartas dos Mahatmas, como encontrado por Antonios Goyios no artigo em inglês, linkado acima (“*Tracing the Source of Tibetan Phrases Found in Mahatma Letters #54 and #92*”), e ainda há outros casos que podem ser citados. A relevância disso para estudantes de Teosofia é que, devido aos métodos usados pelos Mahatmas na escrita de suas cartas, termos, tais como esse, não são necessariamente termos técnicos budistas que podem ser localizados de fato em textos sânscritos. Como sabemos a partir de diferentes afirmações feitas pelos Mahatmas em suas cartas, o seu método de escrita consistia em se cercarem de material sobre o assunto em questão que está impresso no *ākāśa*, tirando de lá o que precisavam. Eles não eram falantes nativos de inglês. As suas cartas eram correspondências pessoais, geralmente escritas com pressa, e não artigos escritos para publicação. Os termos e citações budistas encontrados nas cartas dos Mahatmas quase sempre vêm de livros disponíveis na época, e, portanto, carecem de precisão.

Algumas Fontes das Cartas dos Mahatmas

David Reigle, 30 de abril de 2017

O texto anterior, “Um Enigma nas Cartas dos Mahatmas”, terminou com a afirmação: “Os termos e citações budistas encontrados nas cartas dos Mahatmas quase sempre vêm de livros disponíveis na época, e, portanto, carecem de precisão.” Esta afirmação precisa ser substanciada por mais do que apenas o exemplo dado no texto anterior (nirira namastaka = nirvva namastaka = nirvānamastaka = nirvāṇa-mastaka, uma “palavra fantasma”, derivada de imprecisão linguística). Para este propósito, podemos dar uma olhada na longa e importante Carta N.16, cronológica 68², chamada de a “carta devachan” por se tratar da fonte principal dos ensinamentos teosóficos sobre os estados pós-morte, incluindo o devachan (*bde ba can*, em tibetano).

Antes da era dos livros digitais e buscas eletrônicas, Doss McDavid notou muitos paralelos entre a carta devachan e passagens num livro de Samuel Beat de 1871, *A Catena of Buddhist Scriptures from the Chinese (Uma Coleção de Escrituras Budistas do Chinês)*. Ele descobriu que as citações das escrituras budistas fornecidas na carta vinham desse livro. Não haveria motivos para o próprio Mahatma traduzir essas passagens por si mesmo. Essas cartas eram correspondências pessoais, e não tratados escolásticos e eram frequentemente escritas com pressa. O Mahatma simplesmente aproveitou o que já estava disponível para ajudar a mostrar o seu argumento. Da Carta do Mahatma N.16, cronológica N.68, 2 ed. pp. 99-100, 3rd ed. pp. 97-98, ed. cronológica pp. 189-190 (edições em inglês):

(1) O Deva-Chan, ou terra de “Sukhavati,” é alegoricamente descrito pelo próprio nosso Senhor Buddha. O que ele disse pode ser encontrado em *Shan-Mun-yi-Tung*. Diz o Tathâgata:

“A muitas milhares de miríades de sistemas de mundos além deste (nosso) há uma região de Bem-Aventura chamada *Sukhavati*. . . essa região está cercada por *sete* fileiras de balaústres, *sete* fileiras de vastas cortinas, *sete* fileiras de árvores que se movem ao vento; esta morada sagrada dos Arahats é governada pelos Tathâgatas (Dhyan Chohans) e é habitada pelos Bodhisatwas. Ela tem *sete* lagos preciosos, em meio aos quais fluem águas cristalinas dotadas de ‘*sete e uma*’ propriedades, ou qualidades distintivas (os 7 princípios emanando do UM). Este, Ó, Shariputra é o ‘Deva Chan.’ A sua divina flor Udambara finca uma raiz *na sombra de todas as terras*, e floresce para todos aqueles que a alcançam. Aquelos nascidos na região são verdadeiramente felizes, não há mais dor, nem tristezas *naquele ciclo* para eles. . . . Miríades de Espíritos (Lha) se refugiam lá para descanso e então *retornam às suas próprias regiões*.¹ Novamente, Ó, Shariputra, nessa terra de alegria, muitos que são nascidos nela são *Avaivartyas* . . .”² etc., etc.

notas:

1. **Aqueles que não concluíram seus ciclos terrestres.**
2. **Literalmente—aqueles que nunca retornarão—os homens da sétima ronda, etc.**

² N.T (Nota do Tradutor): Seguimos aqui a numeração das edições em língua inglesa utilizadas no estudo de Reigle, não comparando-as com a edição disponível em língua portuguesa.

Catena, tradução de Beal, pp. 378-379:

[Traduzido da versão chinesa do Kumârajîva, como pode ser encontrada em *Shan-mun-yih-tung*.]

Neste momento, o Buddha se endereçou para o venerável Shariputra conforme se segue:—

“Nas regiões ocidentais a mais de cem mil miríades de sistemas de mundos além deste, há uma Sakwala chamada Sukhavatî. Por que essa região é assim chamada? Porque todos aqueles nascidos nela estão livres de dor ou tristeza: experienciam somente alegrias puras; por isso é chamada de a terra infinitamente feliz. Novamente, Shariputra, esta região é cercada por sete fileiras de balaústres ornamentais, sete fileiras de delicadas cortinas, sete fileiras de árvores que se movem ao vento—por isso, novamente, ela é chamada de a região infinitamente feliz. Novamente, Shâriputra, essa terra feliz é dotada de sete lagos semelhantes a jóias, no meio dos quais fluem águas dotadas de oito qualidades distintivas . . .”

“Novamente, Shâriputra, a terra em que Buddha sempre compartilha com deleites (ou músicas) celestes, o solo é de ouro resplandecente, durante a manhã e à noite, chuvas da Divina Flor Udambara caem sobre todos os nascidos lá, no início da manhã, há uma explosão das flores mais preciosas a seu lado: milhares de miríades de Buddhas instantaneamente se refugiam lá em busca de frescor e, então, retornam às suas próprias regiões, e por este motivo, Shâriputra, esta terra é chamada de a mais feliz. . .”

“Novamente, Shâriputra, nesta terra de perfeita alegria, todos os que nascem são nascidos como Avaivartyas (nunca a retornar), . . .”

Observamos que para apresentar o seu argumento, o Mahatma enfatizou certas partes de sua citação ao destacá-las (com itálico na versão impressa), tais como a palavra *sete*. Mas ele também mudou a citação, transformando as “oito qualidades distintivas” na tradução de Beal em “**sete e uma propriedades, ou qualidades distintivas (os 7 princípios emanando do UM)**.” A tradução de Beal “durante a manhã e à noite, chuvas da Divina Flor Udambara caem sobre todos os nascidos lá” se tornou “**A sua divina flor Udambara finca uma raiz na sombra de todas as terras, e floresce para todos aqueles que a alcançam.**” Em Beal: “Porque todos aqueles nascidos nela estão livres de dor ou tristeza” foi transformada em “Aqueles nascidos na região são verdadeiramente felizes, não há mais dor, nem tristezas *naquele ciclo* para eles.” Em Beal: “milhares de miríades de Buddhas instantaneamente se refugiam lá para se refrescarem, e, então, retornam às suas próprias regiões” se tornou “**Miríades de Espíritos (Lha) se refugiam lá para descanso e então retornam às suas próprias regiões.¹**” com a nota de rodapé “**1. Aqueles que não concluíram seus ciclos terrestres.**” Em Beal: “Novamente, Shâriputra, nesta terra de perfeita alegria, todos que nascem são nascidos como Avaivartyas (nunca a retornar)” se tornou “**Novamente, Ó, Shariputra, nessa terra de alegria, muitos que são nascidos nela são Avaivartyas . . .²**” com a nota de rodapé “**2. Literalmente—aqueles que nunca retornarão—os homens da sétima ronda, etc.**”

Como podemos ver, todas essas mudanças feitas pelo Mahatma na citação trazem os ensinamentos que ele estava transmitindo a A.P. Sinnett, seu correspondente. Poderíamos pensar que tais mudanças feitas pelo Mahatma fossem simplesmente traduções mais precisas do texto budista. Não são. Trata-se de traduções menos precisas, mas que trazem interpretações esotéricas do texto budista. Sabemos que o *Shan-mun-yih-tung* vem do artigo de Beal intitulado “*Translation of the Amitâbha Sûtra from Chinese*” (*Journal of the Royal Asiatic Society*, 1866, pp. 136-144). Beal

inicia sua tradução dizendo: “O Amitābha Sūtra. Extraído do trabalho chamado ‘Shan Mun Yih Tung,’ ou Preces Diárias da Escola Contemplativa dos Sacerdotes” (p. 140). Nas páginas anteriores à tradução ele escreve: “A seguinte tradução do Amitābha Sūtra foi feita a partir da edição chinesa daquele trabalho, preparada por Kumārajīva, e reunida num volume conhecido como ‘Preces Diárias dos Sacerdotes Budistas da Escola Contemplativa’ (Shan-mun)” (p. 136). Então, o que temos de Beal na sua Coleção de Textos Budistas do Chinês (*Catena of Buddhist Scriptures from the Chinese, de 1881*) é, na realidade, uma tradução do Amitābha Sūtra. Como é bem sabido, o Amitābha Sūtra é um nome popular para a versão mais curta do *Sukhāvātī-vyūha Sūtra*. O original em sânscrito da versão mais curta do *Sukhāvātī-vyūha Sūtra* foi recuperado e publicado pela primeira vez por F. Max Müller em seu artigo, “*On Sanskrit Texts Discovered in Japan*” (*Journal of the Royal Asiatic Society*, 1880, pp. 153-188). Tal versão foi reeditada junto com a versão mais longa do *Sukhāvātī-vyūha Sūtra* no livro, *Sukhāvātī-vyūha: Description of Sukhāvātī, the Land of Bliss*, editado por F. Max Müller e Bunyiu Nanjio (Oxford: Clarendon Press, 1883). Sendo assim, podemos comparar o original em sânscrito. A palavra sânscrita para a primeira mudança - “oito” para “sete e um,” é *aṣṭa*, “oito.” A palavra sânscrita para a segunda mudança, “chuvas” para “sombra,” é *pravarṣati*, “chuvas.” Ademais, o texto sânscrito não tem a “**flor Udambara**”, mas a “flor mândārava.” A terceira mudança, a adição de “**naquele ciclo,**” não está no sânscrito. A quarta e a quinta mudança são um pouco mais complexas. A tradução de Beal do chinês não corresponde exatamente ao sânscrito, e nem as mudanças introduzidas pelo Mahatma. As notas de roda-pé acrescentadas pelo Mahatma trazem consigo ensinamentos esotéricos não encontrados no texto exotérico.

Para quem deseja buscar as traduções em inglês, tanto a versão mais curta, quanto a versão mais longa do *Sukhāvātī-vyūha Sūtras* foram primeiramente traduzidas do original sânscrito por F. Max Müller em *Buddhist Mahāyāna Texts, Part II* (Oxford, Clarendon Press, 1894), = *Sacred Books of the East, vol. 49*. Essa foi uma tradução pioneira, quando o significado de um número de termos budistas sânscritos não tinha sido ainda estabelecido. Tanto a versão mais curta, quanto a versão mais longa do *Sukhāvātī-vyūha Sūtras* foram novamente traduzidas do original em sânscrito por Luis O. Gómez e publicadas em *Land of Bliss: The Paradise of the Buddha of Measureless Light* (Honolulu: University of Hawai‘i Press, 1996). Esse livro inclui traduções separadas desses dois textos a partir da tradução chinesa. A versão mais curta do *Sukhāvātī-vyūha Sūtra* foi traduzida a partir da tradução tibetana por Georgios T. Halkias, e publicada em *Luminous Bliss: A Religious History of Pure Land Literature in Tibet* (Honolulu: University of Hawai‘i Press, 2013).

As referências ao restante das citações dos textos budistas na carta do Mahatma N.16, cronológica 68, a “carta devachan,” em *Catena of Buddhist Scriptures from the Chinese* de Beal estão em sequência: pp. 117, 86, 85, 90, 120, 64. Mais sobre esse assunto poderá ser escrito posteriormente.

Em resumo, as cartas dos Mahatmas ensinam budismo esotérico. Por serem cartas, utilizaram-se das traduções de textos budistas disponíveis na época para as suas citações. Eles com frequência alteravam essas citações para transmitir ensinamentos esotéricos. Os termos e citações budistas encontrados nas Cartas dos Mahatmas são, portanto, geralmente imprecisos por dois motivos: 1) São citações das primeiras e, com frequência, pouco confiáveis traduções desses textos no Ocidente; 2) há alterações para

transmitir ensinamentos esotéricos que não estão presentes nos textos budistas propriamente ditos.

Problemas na Transmissão das Cartas dos Mahatmas

David Reigle, 30 de junho de 2017

Como explicado por Blavatsky, a vasta maioria das cartas dos Mahatmas foi escrita por chelas que atuavam como amanuenses (copistas) para o Mahatma autor. Esse processo incluía desde escrever aquilo que era diretamente ditado pelo Mahatma (geralmente telepaticamente), revestir as ideias dadas pelo Mahatma com as palavras do chela, aos próprios chelas fornecerem as ideias após terem recebido apenas uma orientação geral. Naturalmente, isso trazia problemas quando o chela amanuense não tinha familiaridade com o assunto abordado, como no caso de um chela hindu tendo de escrever sobre um assunto budista.

Um exemplo disso pode ser visto na carta do Mahatma Nº 9, cronológica Nº 18, discutida no texto anterior, “Um Enigma nas Cartas dos Mahatmas”. Nesta Carta do Mahatma (3ª edição em língua inglesa, p. 47): **“Quando a matéria se encontra inteiramente divorciada do espírito, é descartada nos reinos ainda mais inferiores —no sexto ‘Gati’ ou ‘modo de renascimento’ dos mundos vegetal e mineral e das formas animais primitivas.”** Na entrada no *The New American Cyclopaedia*, de onde a passagem foi baseada, lemos (p. 66): “Em alguns casos a alma do homem pode afundar ainda abaixo dos 6 Gatis ou modos de renascimento no mundo vegetal e mineral; . . .” O inglês nesta frase, tomado fora de contexto, soa um tanto ambíguo. É possível tomar “renascimento no modo vegetal e mineral” (*rebirth into the vegetable and mineral way*) como uma unidade. Foi assim que o chela amanuense da carta do Mahatma aparentemente interpretou, de modo que se pudesse falar do “modo de renascimento dos mundos vegetal e mineral”. Entretanto, não é isso que o autor da *New American Cyclopaedia* quis dizer, nem é isso que o Budismo ensina.

Como escrito num trecho anterior do mesmo artigo no *New American Cyclopaedia* (p. 65), O Budismo ensina que esses seis gatis ou modos de renascimento, 1. devas ou deuses; 2. homens; 3. asuras ou gênios ruins; 4. animais; 5. pretas ou monstros famintos e sedentos; 6. Habitantes do inferno. Não há “modo de renascimento dos mundos vegetal e mineral” como o chela amanuense entendeu. A frase do escritor do *New American Cyclopaedia* deveria ser entendida como “Em alguns casos a alma do homem pode afundar ainda *abaixo* dos 6 Gatis ou modos de renascimento [pausa ou vírgula] no modo vegetal ou mineral . . .” Este é um exemplo de um problema na transmissão aparentemente causado por um chela amanuense que não tinha familiaridade com os ensinamentos budistas. Os ensinamentos teosóficos podem muito bem asseverar que **“A Matéria divorciada do espírito é jogada em mundos ainda mais inferiores”**, mas esse não é o “sexto Gati’ ou ‘modo de renascimento’ dos mundos vegetal e mineral e das formas animais primitivas”, visto que não é assim que os modos de renascimento (os seis gatis) são ensinados no Budismo.

Na conclusão do texto “Algumas Fontes das Cartas dos Mahatmas”, disse que os termos e citações budistas encontrados nas cartas dos Mahatmas são, com frequência, imprecisos em dois aspectos: São citações das primeiras traduções ocidentais pouco confiáveis e foram alterados para trazer ensinamentos esotéricos que não estão nos

textos budistas. A isso se pode acrescentar uma terceira imprecisão: problemas na transmissão do chela amanuense que não é familiarizado com o assunto discutido e que pode ter compreendido mal as fontes em que estava se baseando.

Declaração [sobre as Cartas dos Mahatmas]³⁴

Helena Petrovna Blavatsky

Nesta manhã, antes da chegada de sua carta às seis horas, o Mestre me deu permissão e disse para que explicasse a você e a todos os teosofistas sinceros e verdadeiramente devotados, “*o que se colhe, se planta*”, sobre as perguntas e preces pessoais e privadas, respostas formuladas na mente daqueles a quem tais assuntos podem ainda interessar, cujas mentes ainda não estão completamente indiferentes a tais questões terrenas e mundanas, respostas de chelas e neófitos, geralmente algo refletido da *minha própria mente*, pois os Mestres não disponibilizariam seus pensamentos, por um momento sequer, a questões *individuais* e privadas relacionadas a apenas uma ou mesmo dez pessoas, seu bem-estar, suas lamentações e alegrias neste mundo de Maya, a nada exceto questões de importância realmente universal. São *todos vocês*, teosofistas, que rebaixaram em suas mentes os ideais de nossos Mestres; *vocês que* inconscientemente e com a melhor das intenções e total sinceridade *OS profanaram*, ao pensar por um momento, acreditando que *Eles* se ocupariam com suas questões profissionais, o nascimento de filhos, o casamento de filhas, a construção de casas etc etc. No entanto, todos aqueles dentre vocês que receberam tais comunicações, sendo quase *todos sinceros* (aqueles que *não o* foram, receberam o devido tratamento conforme outras leis especiais), tinham o direito, sabendo da existência de Seres que vocês pensaram que pudessem facilmente ajudá-los, de buscar o seu auxílio, de se endereçar a eles como um monoteísta se endereça ao seu Deus pessoal, profanando o *Grande Desconhecido* um milhão de vezes *acima* dos Mestres, pedindo a Ele (ou *Aquilo*) ajuda com as colheitas, a destruição de um inimigo e o envio de um filho ou uma filha; e tendo tal direito no sentido abstrato, Eles [os Mestres] não poderiam desprezá-los e recusar-lhes uma resposta, senão Deles próprios, ordenando, então, a um(a) chela que satisfizesse as suas dúvidas da melhor forma possível, de acordo com as suas capacidades [do(a) chela].

Quantas vezes eu (uma não Mahatma) fiquei chocada e sobressaltada, queimando de vergonha quando me mostraram notas escritas nas Suas (duas) letras (uma forma de escrita adotada para a ST e usada por chelas, *mas jamais sem a sua permissão especial ou ordem* para tal), exibindo erros de ciência, gramática e pensamentos, expressa em tal linguagem que pervertia completamente o significado originalmente intencionado e às vezes, expressões que em sânscrito, tibetano ou qualquer outra língua asiática teriam um sentido bem diferente, como um que fornecerei de exemplo. Em resposta à carta do Sr. Sinnett se referindo a alguma contradição aparente em ÍSIS, o chela que precipitou a resposta do Mahatma K.H. colocou: “tive de exercitar todo o meu engenho (em inglês,

³ Essa afirmação é precedida por estas palavras na letra da Sra. Gebhard: “Extratos de uma carta de H.P.Blavatsky” datada Wuzburg 24-1-86, copiada pela Sra. Gebhard. Os conteúdos foram confirmados verbalmente por HPB o Sr. e a Sra. Gebhard em Elberfeld em junho de 1886.

⁴ Nota do Tradutor: Texto publicado em *The Early Teachings of The Masters 1881-1883*, editado por Jirajanadasa. Wheaton, Illinois: The Theosophical Press, 1923

ingenuity) para conciliar as duas coisas”. O termo em inglês *ingenuity*, usado para expressar candura, imparcialidade é agora uma palavra obsoleta com esse sentido, não mais usada dessa forma, mas que até eu encontrei no dicionário Webster, enquanto Massey, Hume e, acredito que mesmo o Sr. Sinnett, interpretaram mal a palavra, tomando-a pelo significado de “astuto”, “esperteza”, “perspicácia”, para formar uma nova combinação como se não houvesse contradição. Portanto: “O Mahatma confessa, sem reservas, usar de esperteza (*ingenuity*), usar de *astúcia* para conciliar as coisas, como um advogado ardiso e trapaceiro” etc etc. Agora se eu tivesse sido a responsável por precipitar ou escrever a carta, teria usado a palavra “*ingenuousness*”, “coração aberto, franqueza, honestidade, livre de reservas ou dissimulação”, como o dicionário Webster define e o opróbrio lançado sobre o caráter do Mahatma K.H. teria sido evitado. Eu não teria escrito ácido *carbólico* ao invés de ácido *carbônico* etc. Muito raramente o Mahatma K.H. ditava *letra por letra*; e quando assim o fazia, lá restavam as poucas passagens sublimes em suas cartas para o Sr. Sinnett. O restante, Ele diria, “escreva tal e tal” e o chela escrevia, geralmente sem saber uma palavra de inglês, assim como eu tenho a incumbência de escrever em hebraico, grego, latim etc. Portanto, a única coisa pela qual posso ser repreendida – uma repreensão que estou sempre pronta a assumir embora não a tenha merecido, uma vez que fui apenas o instrumento obediente e cego de leis e regulamentos ocultos, é de ter (1) usado o nome do Mestre quando pensei que a minha autoridade não valeria de nada, quando acreditei sinceramente estar agindo de acordo com as intenções do Mestre⁵ e pelo bem da causa; e (2) de ter guardado aquilo que as leis e regulamentos de meus compromissos não me permitiam revelar até então; (3) talvez (novamente por esta razão) de ter insistido que tal e tal nota era do Mestre, escrita *em seu próprio punho*, a todo o momento pensando *jesuiticamente*, eu confesso: “Bem, é escrito por Suas Ordens em Sua escrita, afinal de contas, por que vou explicar àqueles que não podem entender a verdade e talvez acabe por piorar as coisas.”

Duas ou três vezes, talvez mais, as cartas foram precipitadas em *minha presença*, por chelas que não sabiam falar inglês e que tiraram ideias e expressões da minha mente. Os fenômenos *na realidade, em realidade solene*, foram maiores nesses períodos do que antes! Entretanto, eles pareciam ter suspeitas e eu tinha de segurar a minha língua, vendo a suspeita crescer nas mentes daqueles a quem mais amo e respeito, incapaz de me justificar ou de dizer uma palavra. Somente o Mestre sabia o que eu sofria. Pense apenas em mim doente na cama (um caso que ocorreu com Solovioff em Elberfeld); uma carta sua, uma carta antiga recebida em Londres e rasgada por mim, *rematerializada* como pude ver com meus próprios olhos, eu olhando para aquilo; cinco ou seis vezes na língua russa, *na letra do Mahatma K.H.* em azul, *as palavras tiradas da minha cabeça*, a carta velha e amassada viajando devagar e *sozinha* pelo quarto (nem eu consegui ver a mão astral do chela que conduzia essa operação), então caindo entre os papéis de Solovioff, que estava escrevendo em sua pequena escrivania, corrigindo os meus manuscritos; Olcott estava perto dele e acabara de lhe passar os papéis. Solovioff encontrara a carta e como num flash, vejo em russo o seu pensamento: “O velho impostor (referindo-se a Olcott) deve ter colocado isso aqui!”, e centenas de situações semelhantes.

⁵ Por diversas vezes, percebi que estava errada e agora sou punida por isso com crucificação diária e a toda hora. Peguem as pedras, teosofistas, peguem-nas, irmãos e irmãs gentis, e me apedrejem até a morte por tentar fazê-los felizes com uma palavra dos Mestres!

Bom, isso é suficiente. Disse-lhe a verdade, apenas e *nada mais do que a verdade*. Muitas são as coisas sobre as quais não tenho o direito de explicar, mesmo se tivesse de ser enforcada por isso.